

Mulheres goianas no mercado transnacional do sexo

Avanço de Investigação em curso

Género, desigualdades y ciudadanía

Telma Ferreira do Nascimento Durães *

Maria Angélica Peixoto **

Samara Xavier ***

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão inicial sobre as imbricações existentes entre diferentes situações vivenciadas por mulheres goianas no mercado transnacional do sexo, a partir de dados coletados pelo projeto de pesquisa Tráfico Internacional de Mulheres: Goiás - pensando a prevenção. Pretende ainda apreender, considerando relatos de mulheres goianas que atuaram nesse ambiente, suas próprias percepções sobre fenômenos como prostituição voluntária, prostituição para fins de exploração sexual comercial, trabalho sexual forçado e tráfico de pessoas para fins de exploração sexual.

Palavras-chave: mercado transnacional do sexo, prostituição, tráfico internacional.

O processo de produção de conhecimento relacionado a presente proposta está diretamente ligado ao projeto de pesquisa *Tráfico Internacional de Mulheres – Goiás: pensando a prevenção*, financiado pela Fapeg (Agência de Fomento à Pesquisa do Estado de Goiás), bem como a um projeto de tese de doutorado que pretende discutir as representações de mulheres que foram vítima de tráfico. A partir da discussão teórica sobre o capitalismo contemporâneo e conceitos básicos utilizados, como prostituição e mercado de sexo, analisamos quatro entrevistas de mulheres que foram vítima de tráfico internacional. Este texto é produto de uma investigação em andamento e por isso não pretende ser um trabalho pronto e acabado. Aqui apresentamos uma parte da pesquisa, embora ainda careça de aprofundamentos teóricos bem como de uma análise mais apropriada dos dados.

A nossa abordagem se inicia, portanto, com a discussão teórica sobre o mercado transnacional do sexo. O processo de produção de tal mercado está ligado a um conjunto de outras questões que não poderemos desenvolver de forma aprofundada, mas que tem um elemento importante a ser destacado, que é sua produção histórica.

A prostituição é um fenômeno antigo e que assumiu formas distintas em diferentes sociedades. A mercantilização do sexo é algo que, no entanto, ganha novos contornos na sociedade moderna. A emergência do capitalismo produz uma mutação nas relações sociais e assim permite a formação de um mercado transnacional do sexo. A passagem do feudalismo para o capitalismo ocorre com um conjunto de mudanças sociais, sendo que a expansão comercial teve um papel importante nesse processo. A chamada “acumulação primitiva de capital” e o processo de expansão comercial e colonial, bem como construção dos Estados nações. A formação dos estados nacionais é condição para a existência de um mercado transnacional. O processo de desenvolvimento capitalista, após a revolução industrial,

* Professora da Faculdade de Ciências Sociais/Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Sociologia pela Universidad Complutense de Madrid - España

** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG); Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

*** Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

promove a consolidação do capitalismo e permite um processo de ampliação da produção de mercadorias e sua extensão para além da produção de bens materiais. A internacionalização da economia e seu aprofundamento histórico também permitem uma ampliação cada vez maior das trocas internacionais.

É a partir dessas condições históricas que se tornou possível a construção de um mercado transnacional do sexo. É nesse contexto que ganha espaço a discussão sobre “indústria do sexo” (PISCITELLI, 2007; AGUSTIN, 2005). O termo “indústria do sexo” é utilizado para se referir às questões distintas. Alguns entendem por esse termo a pornografia e outros o mercado de produtos eróticos (sexshop). No sentido utilizado aqui, o termo remete ao processo de compra e venda de serviços sexuais sob forma “industrializada”, que, na verdade, quer dizer sob forma empresarial. Esse mercado possui algumas características específicas, sendo, pois, diferente de outros mercados de produtos e serviços. Não é demais analisar esse processo de diferenciação, que já nasce na própria diferença de serviços e produtos oferecidos, mas também pelo seu circuito de produção e reprodução, mecanismos de distribuição, formas de regularização (estatal e outros). Piscitelli coloca:

Constituído pelo jogo entre oferta e demanda de serviços sexuais, esse mercado e a organização empresarial em torno dele estão marcados pelo caráter transnacional. Refiro-me aos processos de atravessar as fronteiras para consumir e oferecer serviços sexuais [...], nos quais se estabelecem relações complexas entre diversos locais, incluindo redes e laços sociais entre o local de origem e os diferentes destinos. Refiro-me também à participação dos capitais que sustentam a indústria do sexo. Este termo, utilizado para designar a estrutura organizativa vinculada ao mercado do sexo, destaca tanto a solidez dessa organização como as forças econômicas e os interesses que a impulsionam [...]. Tomando como referência a inserção de brasileiras na indústria do sexo na Espanha, analiso o jogo de relações que, nesse marco, opera na produção de configurações corporais (PISCITELLI, 2007, p. 18).

Esse processo é complexo e destaca os serviços sexuais como mercadorias a serem consumidas por aqueles que possuem poder aquisitivo e interesse na sua aquisição. Assim, a procura é condição para um mercado de serviços sexuais¹. Da mesma forma, a oferta é outra condição². A oferta ocorre sob distintas formas, que reproduz a estrutura de classes da sociedade moderna, e a prostituição também reproduz suas hierarquias, nos quais o preço do serviço, sua forma e local de realização, são distintos. Com o desenvolvimento capitalista, esse processo vai se tornando cada vez mais complexo e desde as formas “artesaniais” de configuração de um mercado de sexo chega-se até uma forma industrial que atinge o seu auge na forma transnacional.

Nesse último caso, a complexidade não é apenas maior, como também envolve novas questões, como as relações internacionais, o problema da migração internacional e suas características, a questão da necessidade de todo um setor de organização, recursos e processos legais e ilegais para sua realização. A constituição de um mercado transnacional do sexo também remete ao problema já apontado por outros autores (PISCITELLI, 2007) sobre imagem das mulheres de cada nacionalidade e por isso é também interessante observar que a imagem da mulher brasileira no exterior tem impacto sobre o mercado.

A discussão sobre a integração de brasileiras no mercado transnacional do sexo está permeada por algumas dessas noções. No debate público brasileiro uma certa construção da feminilidade nacional, intensamente sexualizada e marcada pela "cor", é um aspecto central na dinâmica do turismo sexual

¹ Sobre a procura, é possível consultar uma análise a respeito em Bernstein (2008).

² Sobre oferta, há um estudo que realiza um trabalho empírico indo desde a prostituição de rua até os drink-bares (TEDESCO, 2008).

internacional, da prostituição de brasileiras no exterior e do tráfico internacional de mulheres. O suposto é que essa construção, originada nas imagens de mulatas e negras historicamente produzidas no Brasil e difundidas no exterior [...], explica uma elevada demanda de mulheres do país. Essas imagens, associadas a certos traços fenotípicos, vinculados a mulheres de pele escura, como os que constituem a figura da mulata [...], teriam se disseminado no exterior [...]. Os estudos sobre a circulação de imagens corporais de brasileiros/as através das fronteiras apresentam, porém, um quadro mais complexo. De acordo com essas pesquisas, tais imagens não reiteram aquelas que, presentes no Brasil, foram utilizadas para difundir o país no exterior, inclusive em propagandas oficiais, até poucos anos atrás [...]. No âmbito transnacional, elas tendem a ser erotizadas por meio de uma construção de nacionalidade atravessada por gênero que é racializada e sexualizada, mas não necessariamente associada às "cores" de pele escura [...]. E a operação desse jogo de categorias aparece na percepção sobre as brasileiras inseridas ou não na indústria do sexo. As dançarinas *go-go* em New Jersey, originárias de camadas médias no Brasil, com educação superior, de tons de pele claros, analisadas por Susana Maia [...] oferecem um exemplo desses processos. De maneira análoga, a imagem da empregada doméstica brasileira exibida na mídia portuguesa, "uma mulher fatal", posicionada em uma classe inferior, é incorporada numa mulher branca. Segundo Luciana Pontes [...], nos novos processos de construção da etnicidade brasileira em Portugal, vinculados às migrações atuais, essa etnicidade está marcada pela posição de classe no país de destino e associada a uma ideologia da mestiçagem exotizada e sensualizada. As agentes, porém, não precisam ser mestiças: sua brasilidade já lhes confere essa filiação (PISCITELLI, 2007, p. 19-20).

A questão acima colocada por Piscitelli (2007) remete ao caso da razão por procurar prostitutas de um país ou outro (no caso, brasileiras), e não na razão da compra de serviços sexuais em geral, que é bem mais complexa e é abordada por Bernstein (2008). No caso do mercado transnacional do sexo, além dessas motivações no caso das brasileiras, por parte da demanda, há o problema da oferta e isso remete para distintas razões dependendo da classe social das prostitutas. As mulheres das classes menos afortunadas apelam para o mercado do sexo para sobreviver ou conseguir independência da família, entre outras motivações. Já no caso das provenientes de outras classes, as motivações são outras, geralmente ligadas a valores e concepções consumistas e de ascensão social. As chamadas "prostitutas de luxo" vêm aumentando na sociedade contemporânea e por isso é importante realizar esta diferenciação:

Aumenta o número de agências de promoção de encontros entre as mulheres e os clientes, cresce o número de *call girls*, *scort girls* e de garotas de programa [...]. Nesse mercado, circulam garotas das mais variadas classes sociais, muitas com formação universitária e domínio de mais de um idioma. A beleza, o luxo e o mistério acerca do trabalho fazem parte do negócio e contribuem para uma carreira de sucesso. Essas garotas não se consideram prostitutas, embora o produto final de sua negociação seja o mesmo. A diferença entre as prostitutas de luxo e o baixo meretrício [...] não é tão grande quanto as primeiras gostariam de acreditar. As diferenças principais dizem respeito às identificações e ao culto à beleza. Para uma garota de programa, a garantia de uma carreira de sucesso e de muitos fregueses é o sigilo. E muitas são convidadas para participar de festas, convenções e eventos diversos na companhia de executivos, empresários e turistas, espaços em que se exige uma

postura que em nenhum momento as identifique como prostitutas. Para continuar no mercado, as garotas precisam diferenciar-se por atributos físicos e sociais. É necessário vestir as roupas da moda, conhecer os lugares da moda. O culto à beleza e a preocupação com os ditames da moda fazem parte do cotidiano dessas mulheres. Em uma sociedade em que "ser bonita" e "estar bem vestida" é quase um sinônimo de realização pessoal, sucesso e felicidade [...], fugir a esses padrões é uma ameaça às possibilidades de trabalho. Entre as mulheres que fazem prostituição de rua, esses critérios são outros. Ao invés do segredo em torno da atividade, é preciso deixar claro quem você é, e o que faz. Além de escolher um local da cidade reconhecido como lugar de prostitutas [...], o cliente precisa saber identificar quem é e quem não é prostituta naquele contexto (CARVALHO, 2000, p. 1).

Nesse sentido, o mercado transnacional do sexo realiza uma ampliação e expansão da mercantilização do sexo para além das fronteiras de cada país. Ele também gera formas distintas em países distintos, alguns países são predominantemente exportadores e outros importadores, as disparidades entre norte e sul (SANTOS, 2009) e outras diferenças, tal como as legais, pois no Japão, onde as indústrias recreativas são legalizadas, há uma maior lucratividade, diferente de outros casos (SASSEN, 2013). No "mercado nacional" essas formas distintas (prostituição de luxo e "baixo meretrício") são mais facilmente identificadas. No mercado transnacional isso já não é tão visível, principalmente devido ao caso da migração ilegal, pelo fato de ocorrer além das fronteiras nacionais e ter o problema de leis reguladoras, o que dificulta as informações. Nesse caso de migração ilegal, temos o problema da indústria do sexo. Segundo Santos (2009, p. 71), "o tráfico sexual está longe de ser um problema isolado. As suas causas estão intrinsecamente relacionadas com outros fenômenos sociais, económicos, políticos e culturais, pelo que vários são não só os direitos violados numa situação de tráfico, como os seus responsáveis". Este autor acrescenta elementos importantes para a compreensão da indústria do sexo e sua relação com o mercado transnacional do sexo. Ele destaca o conceito de Marx sobre a "acumulação primitiva de capital", retomada na atual fase do capitalismo, promovendo processo de sub-humanidade. Da mesma forma, outros autores apontam para uma transformação no regime de acumulação, ou seja, instituindo uma nova fase do desenvolvimento capitalista (HARVEY, 1992; VIANA, 2009). Nesse contexto de nova fase do capitalismo:

Há pelo menos três desígnios da globalização neoliberal que, se não promovem o tráfico de seres humanos, pelo menos tornam a sua restrição mais difícil: a criação de uma economia global privatizada, com um controlo estatal residual, em que os mercados locais surgem ligados entre si; a liberalização da troca, com a diluição das fronteiras para a circulação de pessoas, bens e serviços que sirvam a criação do tal mercado global; e a disseminação da produção através de investimento estrangeiro em multinacionais. No que especificamente concerne ao tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, estas características levam a que, sob um menor controlo estatal, se desenvolva globalmente uma indústria do sexo, em que um conjunto de pessoas, mulheres, é explorado consecutivamente; isto é facilitado por uma circulação em que as pessoas dos países mais pobres migram para trabalhar nessa indústria, voluntária ou involuntariamente, e as dos países ricos se deslocam para turismo recreativo e sexual fomentado, também, pelo investimento estrangeiro [...]. Obviamente que temos de levar em consideração as lógicas e dinâmicas de auto-determinação, e até de emancipação, que se inserem nessa indústria do sexo, mas que escapam às malhas do tráfico (SANTOS, 2009, p. 72).

O tráfico internacional de pessoas, especialmente mulheres para fins de exploração sexual envolve também a questão da alta lucratividade³. Esse elemento incentiva a indústria do sexo e também acaba sendo atrativo para algumas mulheres. Porém, nem todas tem consciência do que lhes aguarda e de que se trata de prostituição:

“Se algumas destas mulheres têm consciência de que fazem parte de um tráfico que tem como destino a prostituição, para muitas outras as condições do seu recrutamento e a dimensão dos abusos e da sujeição que as espera só se tornam evidentes após a chegada ao país que as recebe. As condições de detenção são frequentemente extremas, próximas das de um regime de escravidão, como o são também os maus tratos a que estão sujeitas, e que incluem, além de castigos físicos, a violação e outras formas de violência sexual. São extremamente mal pagas, e, mesmo assim, o salário é-lhes muitas vezes retido. São impedidas de usar métodos de prevenção contra a sída, e vêem-se, por norma, privadas do direito a tratamento médico. Se procuram ajuda da polícia, é provável acabarem por ser detidas, uma vez que violaram as leis referentes à imigração; se estão munidas de documentos falsos, terão que responder pela acusação de crime (SASSEN, 2013, p.1).”

Segundo Santos (2008), o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual deve ser entendido, englobando mulheres obrigadas a trabalhar como prostitutas (contra a sua vontade) situações em que a prostituta é constrangida a trabalhar em condições não escolhidas ou definidas por elas. Para Santos, a diferença entre o regime de escravidão e o regime capitalista é que o trabalhador é livre para vender a sua força de trabalho. Isso deveria ser aplicável ao caso das mulheres venderem a sua disponibilidade sexual enquanto força de trabalho. Apesar dessa concepção não ser consensual, segundo este autor, o que ocorre é que, independentemente disso, o que ocorre efetivamente é que no caso do tráfico sexual há uma superexploração que leva as mulheres a venderem não só sua disponibilidade sexual como força de trabalho como também sua liberdade e identidade.

A escravidão sexual e as formas de sobre-exploração a que as mulheres prostitutas podem estar sujeitas constituem indiscutivelmente situações de sofrimento. Mas mesmo o consentimento voluntário merece a nossa análise. As situações de miséria e de pobreza por detrás dessas decisões devem ser confrontadas. Os atos voluntários ocorrem geralmente a nível individual, mas são a expressão de atos de injustiça social coletiva. A sociedade cria situações em que uma jovem ou um jovem não tem outra possibilidade de obter um rendimento para si ou para a sua família senão prostituir-se. Esta questão coloca pois em discussão a sociedade no seu conjunto, a sociedade capitalista que cria essas formas de constrangimento dentro das quais depois

³Apesar de não existirem dados exaustivos, a informação disponível leva a crer que o tráfico de mulheres, incluindo as mulheres jovens, para a indústria do sexo é altamente lucrativa para quem o dirige. As Nações Unidas calculam que em 1998 foi de 4 milhões o número de mulheres a ser objeto deste tráfico ilegal, que terá rendido aos grupos criminosos um lucro de 7000 milhões de dólares. Neste montante estão incluídas as remessas enviadas com os ganhos das prostitutas e os pagamentos feitos aos elementos que nestes países organizam e viabilizam o negócio. No Japão, onde as chamadas indústrias recreativas são legais, os lucros atingiram, nestes últimos anos, os 4,2 biliões de ienes por ano, havendo sinais crescentes de que as mulheres que ali chegam através do tráfico clandestino constituem uma percentagem cada vez maior do total de pessoas envolvidas no trabalho sexual. Na Polónia, as autoridades policiais calculam que o traficante recebe cerca de 700 dólares por cada mulher polaca que é entregue. Na Austrália, a polícia federal calcula que o *cash flow* por cada duzentas prostitutas pode ascender a \$900 000/semana. As mulheres ucranianas e russas, com grande procura no mercado do sexo, rendem aos bandos criminosos nele implicados cerca de \$500 a \$1000 por cada mulher entregue. De cada uma destas mulheres se espera que atenda, em média, 15 clientes por dia, e que renda ao *gang* cerca de 215 000 dólares por mês (SASSEN, p.2).

são possíveis atos voluntários, mas leva-nos também a refletir sobre todo o contexto ético e moral em que este tema é debatido. E a discussão aqui não se deve limitar às causas do tráfico, mas às soluções para o mesmo (SANTOS, 2008, p.13).

É nesse contexto que ocorre o processo em que as mulheres do Estado de Goiás, Brasil, se inserem no mercado transnacional do sexo. Essa inserção ocorre em grau elevado, pois Goiás apresenta, segundo dados oficiais, um elevado índice de tráfico de mulheres. Realizamos quatro entrevistas para analisar a realidade dessas mulheres goianas. A intenção é saber se elas caíram na rede de tráfico e como ocorreu a inserção de cada uma no mercado de sexo. É possível perceber que muitas das mulheres que vão para o exterior não sabem qual atividade irão, de fato, exercer, são enganadas, com relação ao trabalho que deverão executar ao chegar ao local de destino. Outras, vão sabendo que trabalharão como prostitutas, mas desconhecem totalmente as condições a que serão submetidas. O depoimento de Capitu (para garantir o anonimato da entrevistada utilizaremos nomes fictícios, retirados da literatura brasileira e estrangeira) demonstra isso: “Aah tem bastante. Tem uma de Brasília mesmo, o nome dela lá é Kelia, aqui eu nem tenho ideia, ela foi como bailarina, e chegou lá ela não ficou como bailarina não!”⁴. Em termos quantitativos, chega a ser cerca da metade: “Aah, quase a metade”. Hilda narra uma história semelhante, acrescentando que seu recrutamento foi realizado com documentação falsa e além de ter que pagar as “dívidas” para com os responsáveis pela sua ida, até ser presa.

Lucíola conta que vem de família pobre e já trabalhava em boate antes de ir para o exterior. Ela conta como se envolveu com o mercado de sexo:

[...] surgiu, um senhor que começou aliciar minha irmã, falar pra ela, que a gente poderia sair fora do país, que lá a gente ia ganhar dinheiro, que seria tudo por conta deles, e, as propostas muito grande né, aí minha irmã marcou encontro, a gente veio encontro com esse senhor, chegando aqui, ele colocou nois nos ramos. [...]. Ele, ele já levou a gente no restaurante né?! E passou perto do salão de beleza e falou , olha vamo marcar o salão pra vocês vim, por causa que a gente tava bem né, sabe sem arrumar a unha, cabelo né. Então falando que ia ajudar a gente com isso que a gente ia ganhar casa, que ia construir casa própria, carro, chegando la a gente ia, os homens ia encher a gente de joias por que la as pessoas dão muitas joias pras pessoas que dança.

Chegou na minha irmã e comentou com ela, é por que a minha irmã na época era bem novinha né, bom a gente era bem novinha, eu tava com 22 anos quando eu fui, então a minha irmã, tem 1,90(metro), bem magrinha, pesava uns 49 quilos, um metro e noventa, então ela chamou a atenção deles né. E ela já, automaticamente já falou demais e tal, então a gente veio muitos dias, ficou se falando, ele já foi na minha casa, já passou no mercado, já fez compra pra minha casa, já levou leite para meu filho, levou as compras tudo né. E aquilo la dando expectativas pra nós, conversando com minha mãe, falando pra minha mãe que nós ia, nós sabia que a gente ia pra prostituição, só que não sabia que era trafico humano, nós não sabia que era tráfico humano. E ele não falou pra nós como era lá, como que, que ele ia receber a gente lá, a gente sabia que teria uma pessoa no aeroporto buscando, por que gente acompanhando, sai dentro do Brasil até chegar na Europa.

Aqui se observa nessas falas que há consciência de que a ida para a Europa seria para a prostituição, mas não “tráfico humano”. O responsável faz todo o processo e tenta convencer as mulheres para a viagem, prometendo um retorno financeiro garantido. Lucíola e sua irmã sabiam que o trabalho seria ligado à prostituição, porém, a afirmação de que não sabia que era tráfico humano se

⁴ Os erros ortográficos e outros foram mantidos para garantir a fidelidade à fala das entrevistadas.

deve ao fato de não saber as condições sob as quais teria que trabalhar. Isso fica mais claro quando ela narra a situação que viveu em Madrid:

Não, anotava e dizia esse aqui é na roupa, foi na unha, esse foi na sandália, foi na mala, foi na compra que o Russo fez lá na sua casa, então tava tudo ali, o dinheiro que eles tinham gastado com a gente aqui no Brasil, o passaporte, tudo, tudo, tudo tava escrito lá no papel. E as janelas tudo com grades, as portas tudo trancadas, não poderia sair, sairia com o segurança deles, a gente não poderia sair, sair sozinha, eu lembro muito que o dono dessa boate em que a gente trabalhava que é aonde a maioria das garotas de Anápolis vai é , tem uma discoteca e no final da noite quando a gente trabalhava ele colocava a gente no carro e levava pra essa discoteca pra ficar desfilar lá, como uma feira.

Nesse caso, ficavam trancadas e só podiam sair acompanhadas. E para abandonar a boate em que tinha que trabalhar teria que fugir, o que foi feito por Lucíola:

Eu fugi com um homem que trabalhava com eles, que graças a Deus, foi Deus também que colocou ele né, por que Deus abençoa as pessoas né, ele trabalhava pra eles de taxista pra esse dono da boate, levava as meninas e ele tava namorando com uma conhecida minha e aí ele ajudou nós a fugir, foi onde eu fugi, e depois de passar um tempo eu tive que pagar [...].

Lucíola conta que teve que pagar quatro mil euros quando foi encontrada pelos responsáveis pela boate. Ela também fala do sofrimento e das sequelas que passa uma mulher traficada:

O que vive uma pessoa que é traficada, só ela sabe, então a certas coisas que a gente não, não por mais que a gente queira comentar não sai, então a minha irmã ela ficou muito rebelde, ficou muito rebelde depois disso, ela se rebelou muito quando ela voltou pro Brasil, viciou no crack , então ela ficou muito rebelde, e ela chora muito, chora muito, ela não quer conversar com o psicólogo, não quer fazer entrevista, ela não toca nesse assunto, ela só chora.

Toda forma a gente paga, toda forma, você coloca, vai colocar no caderno paga cada programa que que faz tem que pagar a chave, tem que pagar a camisinha né, e tem as porcentagens do programa, no final da semana você tem que pagar, tem casas lá na Espanha que é cem euros por dia, eu cheguei a ficar num lugar de pagar 250 por dia, então tinha dias que a gente trabalhava só pra pagar o lugar que a gente tava, só pra pagar o estabelecimento, e fica 2,3 dias sem trabalhar a dívida acumula e eles querem dinheiro, então nunca deixa de ser.

Nunca deixa de ser exploração por que lá eles dizem, há vou trabalhar no jornal, mais aí você precisa do hotel, os donos do hotel também cobra, então nunca deixa de ser isso, exploração, a exploração sexual mesmo. Por que aqui no Brasil tudo bem, igual eu sempre digo prostituição é uma forma pra pessoa, que as pessoas fala vida de mulher fácil, não é fácil. Prostituição não é fácil, e não é fácil mesmo, só uma garota de programa que sabe tanto que é difícil, só que aqui no Brasil eu aconselho muito mulheres, eu não sou contra a mulher trabalhar como garota de programa mais aqui no Brasil tem muito mais chances, do que lá na Europa, muito mais por que? Você tá dentro do seu país, aqui não existe de pagar casa, aqui no Brasil não existe, só que existe lá onde tem o tráfico por que aqui mesmo dentro de Goiás até hoje eu nunca vi, você paga pelo quarto que você vai usar aqui, e quem paga é o cliente, não é nem a gente.

Outra entrevistada, Leónie, aponta para aspectos semelhantes ao de Lucíola. Leónie apresenta os mesmos problemas colocadas pelas outras entrevistadas e podemos destacar aqui a questão da remuneração pelo trabalho:

Não esse valor o homem pagava pro caixa e a gente pegava só umas fichinhas, ai no final do dia somava, descontava a comissão da casa e o restante eles dava uma fichinha eles não pagava no dinheiro, ai quando a gente queria mandar algum dinheiro pro Brasil ou precisava de algum dinheiro a gente tinha que ir com a ficha e pedir o dinheiro...

Essa remuneração, também narrada por Lucíola, mostra um esquema semelhante ao que no Brasil ficou conhecido como “sistema de barracão”, que foi comum na Amazônia durante o ciclo da borracha (MAUÉS, 2013). Ele também ocorreu no caso de imigrantes estrangeiros, principalmente italianos, quando chegaram ao Brasil no início do século XX, quando vinham para trabalhar se endividava no armazém chamado “barracão” ao comprar bens necessários para sua sobrevivência, com preços elevados. Essa prática implicava, quase sempre, na impossibilidade de voltar ao local de origem em função das dívidas assumidas. Alguns historiadores apontam para a ideia de que se trata de uma espécie de “escravidão por dívidas”.

As entrevistas realizadas e a pesquisa bibliográfica apontam para o fato de que o recrutamento de mulheres para mercado de sexo é realizado sob a forma de semiescravidão, constituindo em uma superexploração dessas mulheres. Isso significa que este mercado transnacional do sexo possibilita uma alta lucratividade à custa da ilegalidade, superexploração e outros mecanismos que prejudicam as mulheres envolvidas.

Esse texto tem a pretensão somente de apresentar resultados parciais da pesquisa que ora se realiza sobre o tráfico internacional de mulheres para fins de exploração sexual. São impressões iniciais que devem ser aprofundadas e melhor trabalhadas. Comentamos trechos das entrevistas que serão analisadas posteriormente. Adotaremos a metodologia da Análise de Narrativa, desenvolvida por Fritz Schutze, como instrumento importante de análise das entrevistas que foram e ainda serão aplicadas. Esse procedimento implica a reconstrução de modelos processuais das histórias de vida dos sujeitos envolvidos a partir de uma comparação de diferentes textos de entrevistas, buscando compreender as condições estruturais sob as quais se assentam as particularidades. Todavia, isso será objeto de trabalhos posteriores.

Referências

- Agustín, Laura. La industria del sexo, los migrantes y la familia europea. *cadernos Pagu* (25), julho-dezembro de 2005.
- Bernstein, Elizabeth. O Significado da compra: desejo, demanda e comércio do sexo. *Cadernos Pagu*, 31, jul./dez. 2008.
- Carvalho, Silvia B. *As Virtudes do Pecado: Narrativas de Mulheres a “Fazer a Vida” no Centro da Cidade. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2000 (Dissertação de mestrado). Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/70913717/DISSERTACAO-AS-VIRTUDES-DO-PECADO-NARRATIVAS-DE-MULHERES-A-FAZER-A-VIDA-NO-CENTRO-DA-CIDADE-RJ> acessado em: 10 de julho de 2013.*
- Harvey, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- Maués, Helena. A redução de trabalhadores à condição análoga à de escravo como fator de descumprimento da função social da propriedade rural. Disponível em: http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/herena_neves_maues.pdf acessado dia 28/07/2013.
- Piscitelli, Adriana. Corporalidade em confronto: Brasileiras na indústria do sexo na Espanha. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* - VOL. 22 Nº. 64, junho de 2007.

Santos, Boaventura de Sousa; GOMES, Conceição; DUARTE, Madalena. *Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 87, Dezembro 2009: 69-94.

Sassen, Saskia. Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. Disponível em: <http://www.eurozine.com/pdf/2003-03-13-sassen-pt.pdf> acessado dia 26 de julho de 2013.

Tedesco, Leticia L. *Explorando o negócio do sexo*. Porto Alegre: UFRGS, 2008 [dissertação de mestrado].

Viana, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Idéias e Letras, 2009.